

Arquitectura ▶ Interiores ▶ Design ▶ Arte

ESPAÇOS

Arquitetura
DIEGO CABRITA REIS PREPARA
SUA PRIMEIRA PRESENÇA NACIONAL
COM A OBRA AGRADE BIENAL DE VENEZA

Arquitetura

UMA VISITA GUIADA
AOS GRANDES TRUNFOS
DA COSTA VICENTINA

Design

COZINHAS POLIVALENTES
E O QUE HA DE NOVO NA
BOALHARIA PORTUGUESA

Como a dupla Daciano vai mudar o Tejo

Daciano da Costa e Ana Costa Monteiro
revelam desenhos do novo Interface
Fluvial do Terreiro do Paço. Mais um
trabalho de equipa, dizem.

Bimestral • Ano VI • Nº33
Maio/Junho 2003 • 3,50€



Grupo **lusosinal**
LUSOSINAL S.A.

EM EQUIPA
Pai e a filha
Ana trabalharam
sobre um dos
edifícios mais
emblemáticos de
Lisboa. Falam de
Cottinelli Telmo e de
como é bom trabalhar
em equipa. Na
fotografia aparecem
com uma cadeira
desenhada por
Daciano em 1967

TEXTO ROSA AMARAL FOTOGRAFIA JOSÉ SANTOS JULIÃO

Pensamos à mão

A consagração de Daciano da Costa não lhe retirou o gosto de trabalhar em grupo. No seu «atelier», o entusiasmo pela recente ampliação da interface fluvial do Terreiro do Paço não é muito diferente daquele que viveu com os grandes projectos da sua carreira. Ana Costa Monteiro, a filha que faz dupla com Daciano em Santa Catarina, liderou a programação das alterações a esta obra de Cottinelli Telmo, seu avô materno.

“O que é que o nosso “atelier” tem de diferente dos outros? Não sei. Olhe, imagine um “atelier” de costura. Aqui ainda fazemos a bainha à mão.» Daciano da Costa sorri, para si mesmo, com a comparação. Arquitecto, «designer», professor. Ou, melhor, «fazedor de objectos por circunstância, vocação e acaso».

Daciano da Costa é, por mérito próprio, uma das referências do «design» e da arquitectura em Portugal. No seu «atelier», em Santa Catarina, desenvolve há décadas um trabalho pioneiro, meticuloso e coerente. Um trabalho que, garante, nunca teria sido capaz de fazer-se não tivesse ao seu lado uma equipa tão talentosa como generosa. Tem sido assim desde os anos 60. «Um “atelier” que está sempre a renovar-se, onde tem entrado e saído muita gente» e que conta desde há 15 anos com o trabalho de Ana Costa Monteiro, uma das cinco filhas de Daciano da Costa – das quatro que tiraram Arquitectura –, a única que trabalha com o pai.

«Não há aqui aquela coisa da filha, do complexo do nome», explica Ana. O que existe é uma equipa que se entende bem e que se apoia mutuamente. A parceria com o pai acabou por surgir naturalmente. Tão espontane-

amente como a arquitectura entrou na sua vida. Apesar de ser filha e neta de arquitectos, Ana confessa que nunca sonhou ficar agarrada a um estirador. «Queria ser bailarina, pintora, actriz.» O pai, como todos os pais, cedo viu o talento que a filha insistia em contrariar e aconselhou-a a ter «uma profissão». Foi assim que Ana Costa Monteiro acabou por entrar na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. «Enquanto estava a tirar o curso trabalhei aqui no “atelier” como secretária. Até tirei um curso de dactilografia», recorda a rir.

Afastou-se durante cinco anos, o tempo que esteve nos Estados Unidos a frequentar um mestrado em Berkeley, na Califórnia, e a trabalhar em alguns «ateliers» norte-americanos. «Curiosamente, e por pura coincidência, comecei a fazer “stands” como o meu pai.»

Quando regressou a Lisboa, Ana ainda montou o seu próprio «atelier». «Mas era um trabalho muito solitário.» Tal como o pai, não gosta da solidão. Foi essa, aliás, uma das razões que fizeram Daciano da Costa trocar uma promissora mas solitária carreira de pintor pelo ofício de «designer», porque para ele «desenhar é um trabalho de grupo».



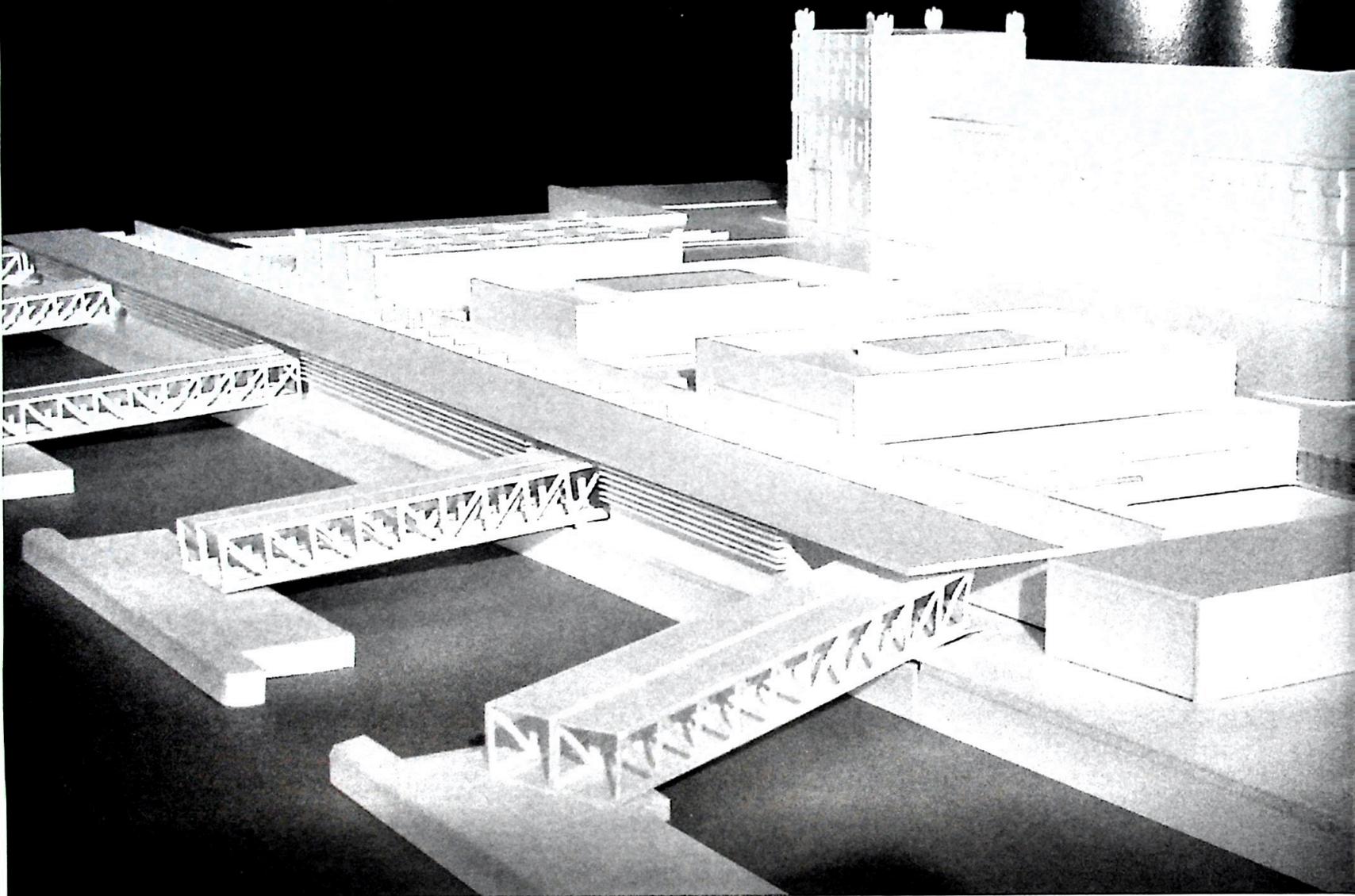




O facto de o “atelier” ser pequeno, de sermos poucos, também tem algumas vantagens, explica Ana Costa Monteiro. Dá-lhes sobretudo a certeza de não terem que ceder a nada nem a ninguém. «Isto dito desta maneira pode parecer um bocadinho dileitante, mas só conseguimos trabalhar assim.» Este posicionamento ético em relação ao trabalho faz com que seja cada vez mais importante, saber «vender» os seus projectos.

A lista dos projectos destes nos últimos 15 anos é infindável. Pai e filha desafiam a memória, enumerando-os um a um. Hotéis como o Crown Plaza, no Funchal, e o Holiday In, nos Açores. Bancos, caso do Montepio Geral e o projecto para a sede do Banco Espírito Santo, na Avenida da Liberdade. Lojas, muitas lojas, das quais destacam quase por acaso a da Cartier, no Chiado, e a última delas, para a Habitat, pronta a estrear no CascaisShopping. Mas há mais. Como a Porta do Sol, na Expo98. Uma instalação efémera imaginada para uma das principais portas de entrada da exposição que Daciano Costa gosta de definir mais «como uma linha de montagem, por um lado entram pessoas e por outro lado saíam visitantes». Ou ainda o Centro Cimpor, em Maputo, «duas torres de 24 pisos para escritórios, habitação e um centro comercial», diz Ana Monteiro da Costa. «E o mobiliário urbano para o centro de Beja», acrescenta Daciano da Costa. “Ou o projecto para o eixo central do Alto do Lumiar, com o estudo de cor e de todo o mobiliário urbano», relembra o arquitecto. «E os escritórios da Web Lab», recorda por sua vez a arquitecta. «Não é fácil, assim de repente, lembrarmo-nos de todos», diz Daciano da Costa quase como desculpa. E a Fundação Calouste Gulbenkian? «É verdade», refere com um sorriso. Em 1966, Daciano da Costa fez parte da equipa convidada a imaginar um dos edifícios que continuam, hoje em dia, a ser uma das referências da arquitectura contemporânea portuguesa. Uma aventura que o marcou para sempre, realizada numa altura em que era arriscado arriscar. Quase quatro décadas depois, o seu «atelier» é desafiado novamente a intervir na Gulbenkian, desta vez para remodelar os espaços interiores e equipamentos da Fundação, caso da recepção da sede e da sala de exposições temporárias.

O entusiasmo com que Daciano da Costa fala dos projectos, dos «nossos» projectos, como faz questão de frisar, não esmoreceu com o tempo. Mas hoje prefere deixar para a sua filha Ana o palco e as luzes da ribalta.



Alteração da Interface Fluvial do Terreiro do Paço

O programa base foi desenvolvido a partir do programa apresentado pelo Metropolitano de Lisboa e pela Ferconsult, no qual estão expressas as intenções de distribuição espacial das áreas e os constrangimentos estruturais do projecto, assim como os limites da intervenção e contenção geral de custos. Esta intervenção teve como ponto de partida os seguintes princípios fundamentais:

Respeitar o edifício existente no modo como este se liga à nova construção, através da sua escala, da linguagem formal e dos materiais. Propor para a nova edificação uma volumetria fragmentada, que embora corresponda ao programa, não apresente uma frente de construção massificada para o Terreiro do Paço.

Propor uma solução estrutural que responda às restrições apresentadas pelo terreno e que para além disso seja compatível com a métrica estrutural do edifício existente, de modo a tornar evidente a relação entre este e os novos edifícios; Criar, na frente rio, uma estrutura arquitectónica visualmente mais leve, apresentada como uma grande cobertura em consola que cobre um vo-



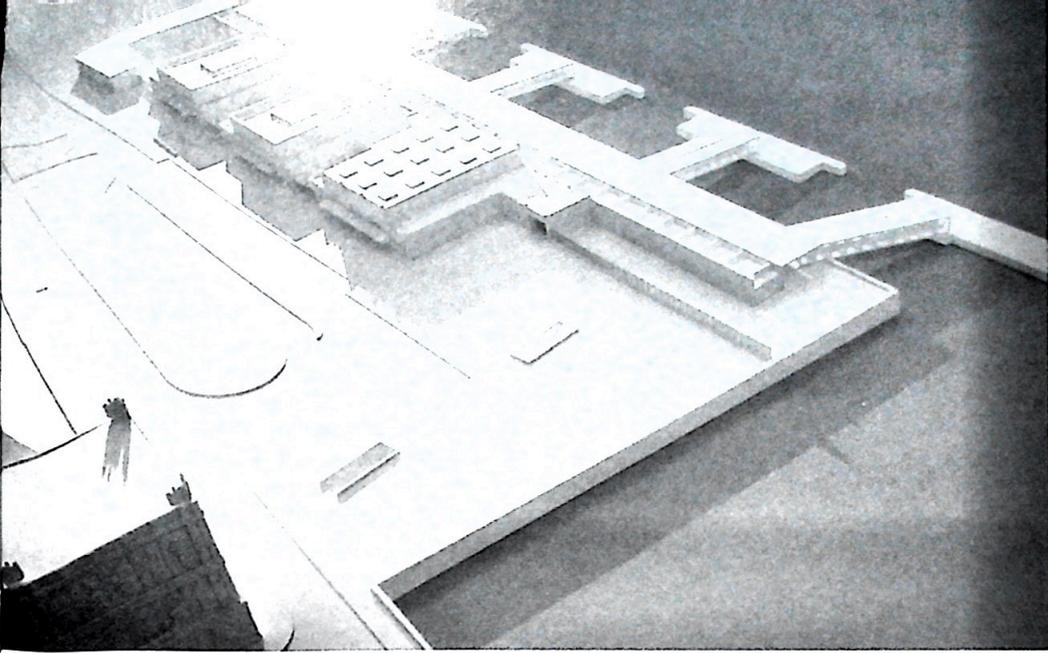
lume mais transparente. Correspondendo às salas de embarque, articulam-se com os edifícios principais através duma grande «alhetta». Da interpretação do programa apresentado e de acordo com o princípio conceptual acima descrito resultaram os seguintes espaços:

Módulo 1: Corresponde ao edifício do arquitecto Cottinelli Telmo, que é recuperado mantendo integralmente as suas funções actuais de grande átrio.

Módulo 2: Constitui um novo átrio, de escala equivalente ao do módulo 1, estabelecendo uma articulação fundamental com a nova estação do Metropolitano.

A sua volumetria, com um pé direito duplo e iluminação natural através duma grande clarabóia, reproduz a escala e dimensão do módulo 1, propondo um espaço generoso que suporta a pre-

Ana Costa Monteiro dedicou-se particularmente a este projecto que amplia o edifício desenhado pelo arquitecto Cottinelli Telmo em 1928. O edifício manterá as suas funções. Foi criado um novo átrio, em articulação com a nova estação de metropolitano e um terceiro módulo com dois pisos

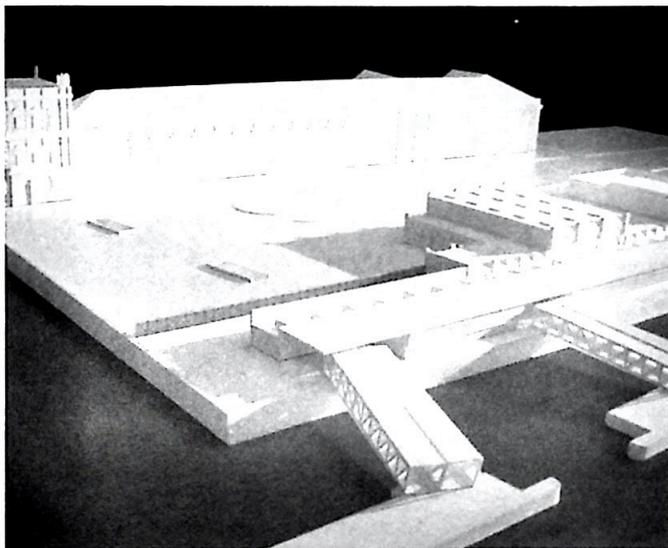


As salas de espera/embarque desenvolvem-se longitudinalmente ao cais, promovendo o acesso controlado aos pontões de embarque confinantes. O café/esplanada corresponde a um espaço exterior delimitado por um embasamento levemente destacado e por alguns elementos de construção ligeiros (murete, pórtico ou pérgola) que contribuem para o remate formal do conjunto edificado

«Funcionamos todos como uma equipa, mas ela é a bailarina do arame, a rapariga do trapézio», diz a rir. Mas a verdade é que cá em baixo Daciano da Costa se encarrega para que o arame esteja sempre bem esticado e o trapézio bem seguro.

Nunca discutem por causa de um projecto? «Em relação aos projectos nunca há grandes discussões. Chegamos rapidamente a um consenso», conta Ana Costa Monteiro. «O mais difícil é convencer os outros», acrescenta, bem disposto, Daciano da Costa. Os «outros» são, por exemplo, João Paulo Martins, arquitecto e historiador de arte, mais uma das peças fundamentais deste «atelier». Uma casa montada com base numa teia de cumplicidades e, porque não, em muito talento. É esse o segredo do êxito? «O grande talento é o trabalho», frisa Daciano da Costa. Trabalho e algum acaso do destino. Foi o que aconteceu com o projecto que o «atelier» tem actualmente entre mãos. Trata-se da construção da interface da Estação Sul-Sueste, no Terreiro do Paço. Um edifício desenhado nos anos 40 por Cottinelli Telmo, sogro de Daciano da Costa e avô de Ana e, por isso mesmo, um projecto em que há um envolvimento emocional muito especial. O próprio João Paulo Martins acabou envolvido no projecto de alma e coração, pois, apesar de não ter qualquer laço familiar com Cottinelli Telmo, fez do trabalho deste arquitecto a sua tese de mestrado. É contagiante o entusiasmo com que todos falam deste novo projecto. Este entusiasmo pelo trabalho é aliás uma das características que têm acompanhado Daciano da Costa ao longo da sua vida e que ele faz questão de manter bem vivo no seu atelier. Isso sem nunca ceder ao facilismo. Há quem lhe chame ética. «Sempre que nos chega um projecto, começamos desde o princípio», explica Ana Costa Monteiro. Esta capacidade de absorver tudo e de não se encaixarem em qualquer modelo pré-estabelecido talvez seja o que distingue de facto o «atelier» de Daciano da Costa de tantos outros. Por isso mesmo, um ponto em que todos concordam é que o «atelier» não deve entrar em concursos que envolvem grandes projectos.

O Módulo 3 é constituído em dois pisos, sendo o piso térreo obrigatoriamente ocupado pelo escoamento rápido dos fluxos provenientes dos pontões 4 e 5, do Seixal e Montijo. Completa-se este piso com algumas áreas comerciais, serviços e apoios e ainda os acessos ao piso superior. O piso superior, integralmente ocupado com escritórios, organiza-se em torno de um vazio que possibilita uma melhor iluminação dos espaços de trabalho



visível pressão dos grandes fluxos de passageiros originados pela nova saída de metropolitana.

O Módulo 3: É constituído em dois pisos, sendo o piso térreo obrigatoriamente ocupado por uma área de circulação e respectivo átrio, face à necessidade de escoamento rápido dos fluxos provenientes dos pontões 4 e 5, do Seixal e Montijo. Completa-se este piso com algumas áreas comerciais, serviços e apoios e ainda os acessos ao piso superior. O piso superior, integralmente ocupado com a área destinada aos escritórios, organiza-se em torno de um vazio que possibilita uma melhor iluminação dos espaços de trabalho. A «rua interior», que articula os módulos dos átrios com as salas de embarque, caracteriza-se como um grande espaço de circulação por onde passará todo o fluxo de passageiros; enquadrada essencialmente por comércio, serão nela integrados diversos suportes de informação («mupis», máquinas de venda, bilheteiras automáticas, etc.). As salas de espera/embarque desenvolvem-se longitudinalmente ao cais, promovendo o acesso con-

trolado aos pontões de embarque confinantes. O café/esplanada corresponde a um espaço exterior delimitado por um embasamento levemente destacado e por alguns elementos de construção ligeiros (murete, pórtico ou pérgola) que contribuem para o remate formal do conjunto edificado, acentuando a ideia de repetição e de fragmentação. O princípio de modulação para a estrutura que se propõe pretende dar por um lado resposta às recomendações apresentadas pela Lisconcebe no sentido de minimizar o número de pilares e, por outro lado, criar uma métrica que seja compatível não só com o edifício existente como com os pontões, de modo a articular os espaços de forma clara.

Na frente rio o módulo estrutural base é de 24 metros no sentido longitudinal com submúltiplos de 6 metros, permitindo desse modo o acerto com os pontões (60 metros de eixo a eixo). Se no sentido transversal o módulo de 6m corresponde à «rua interior», nas salas de embarque a estrutura tem por limite a linha do cais (9 metros).



João Paulo Martins tem estudado a obra de Cottinelli Telmo. A estação fluvial de Sul e Sueste é tida por si como demonstrativa de "uma atitude moderna e desassomburada", marcando o início da política de obras públicas do Estado Novo

Cottinelli Telmo O homem dos sete instrumentos

A estação fluvial de Sul e Sueste, desenhada em 1928 por Cottinelli Telmo para o Terreiro do Paço, é um dos edifícios mais emblemáticos de Lisboa. Encomendada pelo Ministério das Obras Públicas com o objectivo de constituir uma ligação digna entre as linhas ferroviárias de Lisboa e do Barreiro, foi durante décadas um projecto permanentemente adiado até finalmente ser entregue a Cottinelli Telmo.

A ideia era ter a estação pronta em 1929, a tempo de servir os passageiros europeus que desembarcassem do Sud Express em Santa Apolónia rumo à Exposição de Sevilha. Mas à boa maneira portuguesa as obras acabaram por se atrasar e a estação fluvial de Sul e Sueste só foi inaugurada em 1932. Concebida com um traço modernista dentro da linha Art Déco, este projecto de Cottinelli Telmo é uma espécie de grito inovador bem no meio da zona histórica da cidade.

de. «Marca o início de uma política de obras públicas por parte do Estado Novo», explica João Paulo Martins. Segundo este especialista da obra de Cottinelli Telmo, a estação fluvial de Sul e Sueste é antes de mais «uma atitude moderna e desassomburada».

Com o mundo em plena recessão económica, Portugal era no princípio dos anos 30 um exemplo de organização. «Não nos podemos esquecer de que Salazar já estava no poder e as finanças portuguesas começavam a ficar arrumadas.» A concretização do projecto de Cottinelli Telmo acaba por materializar um espírito optimista, herança da Exposição de Paris, realizada em 1925. «Aquele projecto representa uma certa abertura estética», diz João Paulo Martins. «Não nos podemos esquecer do local onde foi construído, em plena Praça do Comércio, símbolo da arquitectura pombalina.»

Arquitecto, cineasta, cenógrafo, pintor, jornalista, actor e compositor, José Ângelo Cottinelli Telmo foi o verdadeiro «homem dos sete instrumentos». Uma espécie de génio criativo incansável e imparável. Filho de um casal de músicos, Cottinelli Telmo nasceu em Lisboa a 13 de Novembro de 1897.

Das suas múltiplas vocações, escolheu a arquitectura como profissão e integrou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde terminou o curso em 1920. Mal se iniciou na profissão começaram a chover trabalhos. E prémios. Caso do Pavilhão de Honra da exposição internacional do Rio de Janeiro, em 1922, e do pavilhão português da Exposição de Sevilha, em 1929. Durante a sua vida desenhou centenas de edifícios públicos e privados. De destacar os projectos da Standard Eléctrica, em Lisboa, da Cidade Universitária de Coimbra, os planos para a zona marginal de Belém, a urbanização de Fátima, o edifício do Governo Militar de Lisboa, o liceu de Lamego, entre muitos outros. Mas foi como arquitecto-chefe da Exposição do Mundo Português, em 1940, que o seu nome entrou definitivamente na História da Arquitectura portuguesa. São dele os planos da Praça do Império, as Portas da Fundação, a Fonte Monumental e o Monumento dos Descobrimientos.

Entre 1938 e 1942 Cottinelli Telmo dirigiu a revista «Arquitectos» ao mesmo tempo que desenvolvia a sua actividade no domínio das artes plásticas e das letras. Foi ainda um dos pioneiros da banda desenhada em Portugal e director da primeira revista infantil portuguesa, «ABCzinho».

Nomeado arquitecto adjunto da CP, em 1923, numa altura em que os Caminhos de Ferro viviam grandes tempos de modernização, Cottinelli Telmo foi responsável por alguns dos projectos mais importantes da companhia. Não só edifícios de passageiros, como os de Alcântara-Mar, Azambuja, Vila Real de Santo António, Carregado, Curia e a já referida estação Sul e Sueste do Terreiro do Paço, bem como dezenas de outras construções de apoio, entre as quais as famosas torres de sinalização. São também da sua autoria os projectos da colónia de férias da CP, na praia das Maças, o bairro ferroviário Camões, no Entroncamento, e o famoso Sanatório da Covilhã. Foi ainda o responsável pela remodelação da estação do Rossio, nos anos 40.

Paralelamente, Cottinelli Telmo ia-se dedicando ao cinema, outra das suas grandes paixões. Começou, ainda estudante, colaborando com a Lusitânia-Film e ajudando a produzir os filmes «Malmequer» e «Mal de Espanha», de Leitão de Barros, em 1918.

Em 1932, com A.P. Richard, orientou a construção do estúdio da Tobis, ao Lumiar, onde um ano depois realizou o «Canção de Lisboa», o primeiro filme sonoro português, com Vasco Santana, António Silva e Beatriz Costa.

Ao longo da sua vida Cottinelli Telmo não parou de criar. Morreu com apenas 51 anos, em Cascais, devido a um acidente de pesca.

«Aqueles em que já está tudo decidido desde o princípio», critica Daciano da Costa. «Temos uma componente muito mais artesanal, não nos interessa esse tipo de trabalho», aquele cuja apresentação envolve um grande «show-off», daqueles em que entram aqueles filmes a três dimensões e outras coisas do género, diz por seu lado Ana Costa Monteiro. «Aqui pensamos à mão», acrescenta Daciano da Costa. Esta tradição do desenho ou o que Daciano da Costa define como «fazer bainha à mão» é uma das heranças que o «designer» trouxe do «atelier» de Frederico George, com quem trabalhou cerca de 12 anos antes de se lançar sozinho. Do seu mestre guarda uma admiração sem limites e ainda hoje diz que foi com ele que aprendeu quase tudo. Cinco décadas depois, Daciano da Costa volta a cruzar o percurso com o do seu mestre, desta vez no Forte de Sacavém, onde está instalado o serviço de inventário da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Uma espécie de Torre do Tombo do desenho, onde foi depositada grande parte do seu arquivo, de 1959 a 1994, e que conta com mais de 400 fotografias e quase 12 500 desenhos técnicos, esboços e esquisos. Um espólio que a DGMEN vai começar a inventariar, estudar, digitalizar e divulgar e que faz companhia ao de Frederico George, instalado no Forte de Sacavém desde o ano passado. É com grande orgulho que Daciano da Costa fala deste reconhecimento que foi dado à sua obra, «à minha tralha», como gosta de chamar. Mas garante que continua com os pés bem assentes no chão. Critica, aliás, com alguma ironia, o protagonismo que a maior parte dos arquitetos teima em ter hoje em dia. «Como estão sempre a querer entrar para a História da Arte, esquecem-se muitas vezes da arquitectura.»

«O facto de o “atelier” ser pequeno, de sermos poucos, também tem algumas vantagens», explica Ana Costa Monteiro. Dá-lhes sobretudo a certeza de não terem que ceder a nada nem a ninguém. «Isto dito desta maneira pode parecer um bocadinho diletante, mas só conseguimos trabalhar assim.» Este posicionamento ético em relação ao trabalho faz com que seja cada vez mais importante, essencial mesmo, saber «vender» os seus projectos. «Há cada vez menos clientes fiéis. Aliás, não me lembro de um que nos tenha encomendado projectos durante toda a vida», revela João Paulo Martins.

Um tema que faz Daciano da Costa viajar até ao passado, ao tempo em que, ao lado de Oscar Niemeyer, ajudou a fazer o Casino Park Hotel, no Funchal, com inteira carta branca por parte do proprietário. «Já não há clientes assim», diz com alguma nostalgia. Ou como os que lhe encomendaram projectos como na Reitoria e Aula Magna da Universidade de Lisboa, no Casino do Estoril, no Teatro Villaret ou no Coliseu dos Recreios. Ou os hotéis, de que o Altis, Penta ou Alvor Praia são apenas alguns exemplos.

Mas Daciano da Costa não é homem para grandes nostalgias em relação ao passado. É, sim, um crítico feroz a alguns aspectos do presente. «Sou fortemente contra à destruição da indústria nacional por um liberalismo económico desenfreado.» Uma indústria que é fundamental para o desenvolvimento do «design» nacional. «Hoje substituíram os nossos objectos pelos objectos de “charme”, coisas bonitinhas vindas geralmente de Espanha.» A relação que manteve durante anos e anos com empresas como a Metalurgia da Longra parece hoje uma miragem.

Não é difícil imaginar o que diz aos seus alunos na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Pode parecer intimidante, mas há quem garanta que o mau feitio que Daciano da Costa insiste em mostrar não é mais do que persistência e capacidade de resistência. «Acho que aqui no “atelier” todos temos o vício pedagógico e didáctico.» Talvez por todos serem ou já terem sido professores universitários, o seu caso, o de Ana Monteiro Costa ou de João Paulo Martins, faz com que a formação de alguns dos profissionais que passaram um dia por aquela casa – muitos deles hoje com créditos bem firmados – seja um motivo de orgulho para Daciano da Costa. Ou, como gosta de dizer, «são o que neste atelier melhor se soube projectar e construir.» 4

Cinco décadas depois, Daciano da Costa volta a cruzar o percurso com o do seu mestre, desta vez no Forte de Sacavém, onde está instalado o serviço de inventário da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Uma espécie de Torre do Tombo do desenho, onde foi depositada grande parte do seu arquivo, de 1959 a 1994, e que conta com mais de 400 fotografias e quase 12 500 desenhos técnicos, esboços e esquisos. (...) É com grande orgulho que Daciano da Costa fala deste reconhecimento que foi dado à sua obra, «à minha tralha», como gosta de chamar

